

A VIRADA RUSSA PARA A AMÉRICA LATINA

*Yuri Paniev*¹

Café aromático, bananas maduras, belas orquídeas, samba ardente e novelas – esse é o padrão russo de associações que surge quando a América Latina é mencionada. E embora o pico da cooperação entre a União Soviética e o “continente flamejante” fora abandonado nos anos 1970, a Rússia moderna o está recuperando. Como resultado, a América Latina tem se tornado, talvez, o mais espetacular componente das atividades internacionais de Moscou nos últimos anos.

Bilhões de dólares em contratos, projetos conjuntos em várias esferas e tecnologias de última geração são o que aproxima Rússia e América Latina atualmente. A Rússia mantém relações diplomáticas com todos os 33 países da região, e com 18 deles possui acordos baseados em novos princípios cooperativos – nada do tipo existiu anteriormente. Alguns analistas inclusive preveem uma nova “era de ouro” para a cooperação Rússia – América Latina.

De acordo com Vladimir Davydov, diretor do Instituto da América Latina e membro correspondente da Academia Russa de Ciência, a intensidade sem precedentes do diálogo Rússia-América Latina deve-se ao fato de que os líderes russos perceberam a importância estratégica do continente. “Por anos a iniciativa partiu da América Latina, que despontavam com suas exportações, visando aumentar o nível de contatos políticos. Moscou estava reagindo... sem verdadeira inspiração”, salientou Davydov. “Felizmente, a situação mudou drasticamente”.²

Nos dias de hoje, a Rússia tem o conceito de sua política externa, aprovada em 12 de julho de 2008, que reflete diretamente o desejo de Moscou de construir a cooperação política e econômica com os países da América Latina e do Caribe, expandi-la com eles em organizações internacionais, promover exportações de produtos industriais de alta tecnologia na região, efetuando projetos em energia e

¹ Um dos grandes especialistas em América Latina, Academia Russa de Ciência (RAS). (austral@ufrgs.br)

² “Gazeta”, M., 21-23.11.2008

infraestrutura, incluindo aquelas que fazem parte dos planos desenvolvidos pelas associações de integração regional.³

Falando sobre fatores que conduziram à aproximação da Rússia com a América Latina, o Ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergey Lavrov destacou a similaridade de pontos de vista acerca dos principais problemas internacionais. “Com os parceiros da América Latina nós daremos um passo a frente como aliados naturais em assuntos tais como a necessidade de assegurar a supremacia do direito internacional, o reforço de mecanismos multilaterais para a solução de problemas internacionais, o papel central das Nações Unidas e a procura de respostas coletivas para desafios do mundo moderno” – salientou Lavrov. “Nós também temos uma abordagem comum quanto à reforma da arquitetura do mundo financeiro”.⁴

Além disso, a abordagem mútua ocorre devido a uma série de características similares no desenvolvimento social e político do passado recente e no presente dos dois. Esse importante fator deve ser levado em consideração quando se analisa todo o complexo das relações bilaterais.

Durante o período de 2000-2011 os presidentes da Rússia visitaram a região latino-americana seis vezes; os ministros de relações exteriores, mais de dez vezes. Por sua vez, só em 2009 nosso país foi visitado pelos presidentes de Bolívia, Brasil, Venezuela, Cuba, Chile e Equador. Encontros ao nível de primeiro ministros e chefes dos departamentos de diplomacia ocorrem regularmente, bem como contatos com líderes latino-americanos no decurso de diferentes fóruns internacionais. Durante esse período, mais de 200 documentos conjuntos abrangendo vários aspectos de cooperação foram assinados. Michelle Bachelet, ex-presidente do Chile, que visitou Moscou duas vezes, até sugeriu a ideia de fazer do Chile um tipo de plataforma para reforçar a cooperação russa com a América Latina.⁵

Uma menção especial deve ser feita ao Brasil, com o qual a Rússia tem desenvolvido parcerias no âmbito da coalizão dos BRICS, que também compreende China, Índia e África do Sul. Esses são os famosos gigantes de segundo nível, que contribuem com 25% do PIB mundial, 30% do território terrestre e 45% da população mundial.⁶ Esses países mantêm uma estreita cooperação em foros internacionais, incluindo o recém-estabelecido G-20, que está firmemente

³ O Conceito de Política Externa da Federação Russa – <http://www.mid.ru/ns-osndoc.nsf/>

⁴ “Latin America”, M., 2009, № 2

⁵ “President”, M., 16-22.09.2010

⁶ “International Life”, M., 2011, № 6

suplantando o antes onipotente G-8. Há muito bom senso na definição dos BRICS feita por Vadim Lukov, negociador russo e enviado especial. Ele denominou o BRICS como a “aliança dos reformadores”, tendo em mente seu foco comum na reorganização das instituições internacionais e principalmente das financeiras.⁷

É importante que atualmente a Rússia esteja desenvolvendo relações construtivas não só com os países da América Latina de forma individual. Ela também estabeleceu contatos regulares com associações políticas regionais, incluindo o “Grupo do Rio”, a Organização dos Estados Americanos (OEA) e com o sistema latino americano de integração. Essas estruturas possuem observadores russos, que produzem recomendações quanto aos métodos e meios de intensificar essa cooperação.

A política russa na América Latina tem se tornado, de longe, mais intensa. Entre desenvolvimentos novos e importantes, há o crescimento da atividade empresarial privada, que considera a região não somente como fonte de bens importados, sobretudo alimentares, mas também como um mercado considerável para os produtos industriais russos, incluindo alta-tecnologia, e como promissora área para investimentos. Afinal, a América Latina constitui um mercado bastante amplo e solvente, totalizando meio bilhão de consumidores. Um bom exemplo de tais desenvolvimentos pode ser a criação da quarta geração de redes e serviços de comunicações móveis na Nicarágua pela companhia russa Yota, que em termos de qualidade deixou para trás os serviços de outros concorrentes.

O interesse empresarial na América Latina está sendo impulsionado por desenvolvimentos positivos na economia de uma série de países, pela aceleração do crescimento do PIB e do volume de comércio externo, bem como pelo papel proeminente daqueles países na OMC e em outras organizações internacionais influentes. A maioria dos países latino-americanos tem sido capazes de suportar o choque de crise econômica global de 2008-2009, adotando efetivos programas anti-crise e, desta maneira, confirmando o aumento de sua estabilidade econômica e financeira. É igualmente importante que os empresários latino-americanos têm acessado ativamente nosso mercado, estabelecendo clientes e relações de parceria na Rússia. Como resultado, o “sotaque latino-americano” no comércio exterior russo e em suas relações econômicas exteriores está se tornando cada vez mais distinto.

A experiência acumulada de cooperação econômica prova que as economias da Rússia e da maioria dos países latino-americanos são complementares: os latino-

⁷ “Independent Newspaper”, M., 5.03.2012

americanos requerem exportações russas e vice-versa. Isso, sem dúvida, é uma situação macroeconômica positiva que tem se desenvolvido naturalmente. Contudo, enquanto são implementadas, essas favoráveis pré-condições ainda enfrentam muitas dificuldades. Não admira que quase todos os documentos sobre resultados de visitas de qualquer nível incluam a disposição de que o atual nível dos laços econômicos russo-latino-americanos ainda está atrás de seu potencial.

Tais demandas tem toda razão de existir. Primeiramente, os negócios russos na maioria dos países latino-americanos são ainda pouco conhecidos e a imagem empresarial das empresas russas geralmente deixa a desejar. O canal mais importante das propostas de propaganda comercial e dos projetos de investimento das principais companhias russas continua sendo as visitas de alto nível à região. Esse foi o caso, por exemplo, durante a viagem de Vladimir Putin a México, Brasil e Chile em 2004 e de Dmitry Medvedev para Peru, Brasil, Venezuela e Cuba em 2008. Em segundo lugar, os empresários russos enfrentam uma árdua competição do mundo ocidental, e, mais recentemente, das companhias chinesas. Ambos recorrem a seus respectivos governos em caso de dificuldades e utilizam todo tipo de recurso para estabelecer relações com autoridades locais e com os meios de comunicação a fim de garantir um tratamento mais favorável. Em terceiro lugar, a estrutura das exportações russas para a América Latina tendem a se tornar mais primitivas que antes. Já há algum tempo as bases dos produtos russos para a região tem sido formada por bens atribuídos a grupos de produtos semi-acabados incluindo fertilizantes, aço laminado e produtos em papelão. Em certas categorias de produtos de alta tecnologia, Brasil e México deixaram a Rússia bem para trás. É difícil de acreditar, mas há 20 anos a situação era completamente diferente: de 25,3 mil carros importados pelo Brasil, 23,1 mil eram fabricados pela empresa russa VAZ.⁸

Finalmente, o sistema de pagamentos mútuos, investimentos e de cooperação tecnológica e científica continuam vulneráveis mesmo que a indústria de alta tecnologia possa se tornar o motor de uma pareceria bem-sucedida. Nesse aspecto, tanto Moscou quanto as capitais latino-americanas depositam suas esperanças na tão conhecida aliança tecnológica. No caso do Brasil, por exemplo, tal aliança é mais provável de se revelar na indústria aeroespacial. Tanto mais porque desde 2006 as partes assinaram um acordo de proteção mútua de tecnologia na área de exploração espacial e sobre uso do espaço para propósitos pacíficos. Os brasileiros estão interessados em usar nossa tecnologia para produzir combustível líquido para seus veículos de lançamento. É menos perigoso que o combustível seco e permitirá evitar

⁸ “Moscow News”, M., 22-28.12.2006

uma tragédia como ocorreu na área brasileira de Alcântara em 2003, quando 21 pessoas morreram.

Comércio russo com países latino-americanos (em milhões de dólares)

País	1992	2000	2008	2010
<i>Região Inteira</i>	<i>1330,3</i>	<i>5669,7</i>	<i>15935,0</i>	12260,0
Argentina	150,5	122,9	1975,9	1124,1
Brasil	146,8	645,9	6711,2	5874,5
Chile	22,4	19,5	364,7	356,6
Cuba	832,1	385,2	265,1	276,0
Equador	14,9	185,2	935,7	974,1
México	19,0	156,7	1230,9	768,8
Peru	19,2	35,7	327,6	328,0
Venezuela	22,1	67,7	957,8	165,3

Fonte: Serviço Federal de Alfândega da Federação Russa. Estatísticas da alfândega/comércio exterior para os respectivos anos.

Como se pode observar na tabela, o Brasil ocupa a primeira posição no volume de comércio russo com os países da América Latina. Se no período da Guerra Fria a motivação dos líderes soviéticos para desenvolver relações com a América Latina teve uma tonalidade ideológica, e o principal negócio e parceiro econômico na região, que nunca fora distinguido por elevados indicadores econômicos, foi Cuba.

Hoje, substituindo a ideologia por uma abordagem programática, o principal parceiro é o Brasil, corretamente considerado a “superpotência regional”.

O ex-presidente brasileiro Fernando Henrique Cardoso costumava enfatizar que o Brasil é uma espécie de “Rússia tropical” e que esses dois países têm muito em comum. A similaridade não se aplica só a parâmetros como o tamanho do território e a população, mas também aos indicadores macroeconômicos. Rússia e Brasil ocupam posições similares da divisão internacional de trabalho, atuando como importadores de tecnologias e de capitais avançados. Há também uma coincidência de objetivos na política externa, que incluem a formação de um novo sistema policêntrico internacional dependendo do processo de integração no nível regional.

O dia 22 de Julho de 2000 certamente se tornará um marco na história das relações econômicas Rússia-Brasil. Primeiramente, porque naquele dia uma reunião muito aguardada da alta comissão russa e brasileira para a cooperação ocorreu em Moscou (na época nós tínhamos comissões de tal nível somente com Ucrânia, Itália, França e Estados Unidos). Em segundo lugar, documentos importantes foram assinados e têm regulado as relações entre esses dois países até o presente. Em terceiro lugar, na capital russa os representantes dos círculos empresariais de ambos os países se encontraram em um seminário de negócios de uma escala sem precedentes. Tudo isso deu razão para o presidente da Câmara da Indústria, Comércio e Turismo Brasil-Rússia Gilberto Ramos dizer: “Depois de um longo período de namoro nossos países finalmente formalizaram relações e celebraram um casamento”.⁹

Como resultado, em dez anos o volume de negócios aumentou em mais de seis vezes, e, de acordo com o ministro de desenvolvimento, indústria e comércio exterior brasileiro, ultrapassou os 6 bilhões de dólares em 2010. No entanto, a porcentagem russa no volume de negócios do gigante da América Latina ainda corresponde somente a 2,2%.¹⁰ Apesar do enorme potencial no comércio, a variedade de produtos ainda é bastante limitada. Atualmente as entregas russas para o mercado brasileiro são limitadas a matérias-primas e bens com baixos níveis de processamento: fertilizantes e níquel.

No que diz respeito às exportações brasileiras para a Rússia, sua estrutura é bastante diferente das exportações para países desenvolvidos, que se tornaram os maiores consumidores da produção industrial brasileira. A modernização no Brasil

⁹ “Time MN”, M., 23.06.2000

¹⁰ Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Intercâmbio comercial brasileiro com a Rússia. Brasília. Doc. RT_102, 10/01/2011

ainda está acontecendo muito mais rapidamente que na Rússia. O país alcançou a liderança em diversas áreas, sobretudo na produção de combustíveis alternativos. Hoje o Brasil é o terceiro maior exportador de aeronaves no mundo, e um sério concorrente no campo da genética e de tecnologias de perfuração em águas profundas. O Brasil é capaz de desenvolver os seus campos petrolíferos na plataforma continental, e em poucos anos se tornará o maior exportador de hidrocarbonetos.

Ao mesmo tempo, para a Rússia, o Brasil continua como um tradicional fornecedor de café, açúcar, soja, frango e carne congelados, que correspondem por mais de 90% do total de importações. Além disso, os fabricantes brasileiros estão enfrentando um problema com a grande falsificação de café instantâneo na Rússia, e com periódicas proibições nas importações de carne bovina e de porco devido a razões veterinárias, dentre outras. Em um país onde de acordo com as estatísticas há uma vaca para cada um dos 190 milhões de habitantes, o tema da carne se tornou um sério problema político, danificando as relações Rússia-Brasil. O Brasil é um dos principais fornecedores de carne para a Rússia, e, de acordo com o Instituto de Agromercado, em 2010 foi responsável por 35% das importações de carne de porco da Rússia (215 mil toneladas), 45% de carne bovina (269 mil toneladas) e 19% de carne de ave (121 mil toneladas).¹¹

Visando dar um novo impulso para a cooperação, Moscou e Brasília estão em processo para desenvolver mecanismos de pagamento baseados nas moedas nacionais. Em um futuro próximo, Rússia e Brasil planejam abandonar o dólar norte-americano como meio universal de pagamento das transações entre esses países. O Brasil tem sido bem-sucedido em adotar tal abordagem com a Argentina: ambos os países trocaram para suas respectivas moedas como um modo de pagamento no comércio bilateral no âmbito do Mercosul.

O ano de 2010 marcou o 125º aniversário das relações diplomáticas entre Rússia e Argentina. Portanto, a visita do presidente Dmitry Medvedev em abril de 2010 – a primeira viagem de um oficial de primeiro nível russo para esse país – teve um significado simbólico, como foi salientado na declaração conjunta. Mais importante, contudo, foi o “conteúdo material” da visita. As negociações com a presidente Cristina Fernandez de Kirchner e os documentos assinados posteriormente em Buenos Aires registraram uma ampla variedade de relações

¹¹ On meat imports prohibition from 89 Brazilian producers to RF starting from June 15, 2011. - <http://www.agronews.ru/newsshow.php?NId=66514>

existentes e identificaram as áreas mais promissoras para a futura cooperação. Em particular, o conjunto de acordos estabelece¹²:

- cooperação na área de uso pacífico da energia atômica, incluindo possível cooperação com a Rosatom relativa à construção da usina nuclear Atucha III;
- acordo entre a Agência Espacial Federal (Roskosmos) e a Comissão Nacional de Atividades Espaciais (CONAE) para cooperação no uso e no desenvolvimento do Sistema Global de Navegação por Satélite – GLONASS;
- ação conjunta entre a Saturn Scientific and Production Association e o Governo da Província de Buenos Aires para modernização da Central Térmica de 9 de Julho;
- participação da Russian Railways JSC na modernização da rede ferroviária argentina;
- participação do All-Russia Research Institute of Geology Overseas no campo de estudos geológicos de hidrocarbonetos e minerais na Argentina;
- intenção de cooperação no domínio florestal.

Além disso, um memorando de cooperação entre organizações comerciais dos dois países foi assinado, e o presidente Medvedev participou da reunião de negócios entre representantes de importantes companhias e bancos russos e argentinos, fazendo o discurso de abertura. “Nós chegamos perto da implementação prática dos projetos nos campos de alta tecnologia, incluindo infraestrutura nuclear, espacial, energética e de transporte. Aqui ao nosso lado vocês têm os dirigentes das principais companhias russas, públicas e privadas. Nós já obtivemos histórias de cooperação bem-sucedidas no campo energético. Hoje, um quarto de toda energia na Argentina é gerada por turbinas russas”.¹³

Os círculos diplomáticos também prestaram atenção nas palavras de Medvedev, sublinhando que “a Rússia retornou à América Latina”, fazendo-o “vigorosamente”, e está agora desenvolvendo ativamente as relações com os parceiros latino-americanos. “É evidente que a posição da Rússia em relação à

¹² Documents signed as a result of Russia-Argentina talks, April 15, 2010. – http://news.kremlin.ru/ref_notes/522/print

¹³ “Página 12”, Buenos Aires, 15.04.2010

América Latina mudou”, disse Medvedev. “Nós acreditamos que aqui vivem nossos amigos e pessoas próximas a nós, e gostaríamos de cooperar com eles mais intensamente”.¹⁴

A Rússia ofereceu suas tecnologias à Argentina não somente no setor energético, onde já existe experiência de cooperação, mas também em algumas áreas como o transporte ferroviário (quase metade das ferrovias do país estão inoperantes), a pesquisa da Antártica, onde os quebra-gelos e os helicópteros russos são exigidos, a exploração espacial e o uso pacífico da energia nuclear. De acordo com Medvedev, a chegada de “Rosatom” no mercado argentino implicará em bilhões de dólares de investimento para a construção das respectivas unidades de geração de energia, bem como para o desenvolvimento de infraestrutura. Tais projetos criam o tão conhecido efeito multiplicador, que torna possível desenvolver sub-setores relacionados, novas unidades de produção e empregos.

O fato da cooperação com a Rússia ajudar a reduzir o desemprego – um problema doloroso para a América Latina – foi muito ilustrativo no caso da Venezuela. A chegada de corporações russas privadas e estatais como a GazpromNefit, Rosneft, LUKoil, Surgutneftegas e TNK-BP contribuíram para a criação de milhares de novos empregos no país. Grandes companhias energéticas russas, que juntamente com a companhia estatal venezuelana Petroleos de Venezuela (PDVSA) formaram o Consórcio Nacional de Petróleo (PNC), estão se preparando para extrair o “ouro preto” na área rica em petróleo Junin-6 do delta de Orinoco (petróleo bruto estimado em 53 bilhões de barris). O desenvolvimento desse rico campo levará cerca de 40 anos e necessitará de investimentos de 20 bilhões de dólares.¹⁵ Só para ter acesso ao campo de petróleo Carabobo-2, como foi aprovado em outubro de 2011, a Rosneft despendirá 1 bilhão de dólares.¹⁶

O aspecto fundamental da cooperação Rússia-Venezuela é o fato de que seu desenvolvimento ocorre sob o ideologicamente chamado “Projeto Bolivariano” liderado pelo presidente Chávez, que visa construir o socialismo do século XXI em um só país. Portanto, o motor venezuelano colocará sua cooperação com Moscou no contexto do discurso anti-estadunidense, o que às vezes tensiona o governo russo e, na prática, certamente cria um novo ambiente geopolítico no Caribe.

¹⁴ “Russian Newspaper”, M., 16.04.2010

¹⁵ “Vedomosti”, M., 2.02.2010

¹⁶ “Commerzant”, M., 8.10.2011

Durante os anos de seu governo, Chávez visitou a Rússia nove vezes. Enquanto acolhia o líder venezuelano em 2001, Putin disse: “A cooperação com a Venezuela é um elemento fundamental das relações russas com a América Latina”.¹⁷ Naquele momento o diálogo político entre os dois países começara a ganhar forma junto às principais áreas de cooperação econômica: petróleo e gás, químicos e petroquímicos, desenvolvimento conjunto de recursos naturais e cooperação militar. Com o passar dos anos, ambos os países conquistaram resultados tangíveis em todas essas áreas, fazendo da Venezuela a parceira privilegiada da Rússia na região.

A Venezuela tornou-se o segundo maior comprador dos equipamentos militares russos, logo após a Índia. De acordo com o Centro para Análise de Comércio de Armas Global, o custo das armas e equipamentos militares russos adquiridos por Caracas é estimado em 4,4 bilhões de dólares. Isso inclui 24 jatos de combate Su-30MK2V, 100 mil metralhadoras AK-103, mais de 40 helicópteros multifuncionais Mi-17V-5, 10 helicópteros de ataque Mi-35M2, 3 helicópteros de transporte pesado Mi-26T2, 5 mil rifles de precisão SVD, 12 sistemas de mísseis de defesa antiaérea Tor-M1, armas antiaéreas ZU-23-2 e um lote de mísseis antiaéreos portáteis Igla-S. De acordo com a agência de notícias ANV, em agosto de 2011 a Venezuela recebeu outro lote de armas antiaéreas ZU-23, morteiros portáteis e veículos blindados. De acordo com o Ministro de Defesa venezuelano Carlos Mata Figueroa “nós precisamos desses armamentos para a defesa do nosso país”.¹⁸

Julgando pelo resultado das negociações, das quais o Vice-Primeiro-Ministro russo Igor Sechin participou em outubro de 2011 em Caracas, a Venezuela receberá outros 4 bilhões de dólares de empréstimo da Rússia para modernizar as suas forças armadas. De acordo com Chávez “serão 2 bilhões no próximo ano e 2 bilhões em 2013”. “Nós podemos fazer isso hoje porque nós somos livres – disse o líder venezuelano”. “Nós não poderíamos ter feito isso antes porque éramos dominados pelos ianques, pelo o Banco Mundial e por toda uma estrutura imperial econômica e financeira”.¹⁹

Liberdade do Ocidente Caracas considera transferir suas reservas financeiras dos Estados Unidos e da Europa para o seu principal banco central e para países como Rússia, Brasil e China. Supõe-se que esses fundos servirão de garantia para empréstimos de que a Venezuela precisa. De acordo com várias estimativas, mais de 6 bilhões de dólares poderiam fluir da Venezuela para a Rússia, mais da metade do que é mantido na Suíça, enquanto que o restante é mantido nos bancos dos Estados

¹⁷ “Bilivarian Project and Prospects for Russia-Venezuela Partnership”, M., 2005, c. 40.

¹⁸ “Independent Newspaper”, M., 19.08.2011

¹⁹ El Universal”, Caracas, 7.10.2011

Unidos, da Inglaterra e da França. Segundo o Banco Central da Venezuela, suas reservas estrangeiras chegam a 29,9 bilhões de dólares, dos quais 18,3 estão em ouro.²⁰ Na Venezuela eles estão convencidos de que no futuro próximo essas reservas irão aumentar significativamente, já que a liderança do país decidiu nacionalizar a exploração de ouro e minério.

Falando sobre os parceiros-chave da Rússia na América Latina, não se pode esquecer o antes maior aliado e amigo mais próximo – Cuba. No período pós-soviético da cooperação Rússia-Cuba, que por 30 anos desempenhou o papel de suporte estratégico político e econômico para a União Soviética na América Latina (durante 1960-1990 em Cuba a União Soviética construiu mais de 1.000 instalações, 100 delas grandes empreendimentos industriais), houve uma queda drástica em todas as esferas.

Em 1991 Moscou informou Havana que iria recolher todas as 7 mil pessoas de sua equipe técnica em um mês, congelando todos os projetos de construção, e recusando todo suporte na esfera civil e militar. A evacuação ocorreu frente a surpresos e desorientados cubanos, da mesma maneira que especialistas estadunidenses fugiram do país antes da chegada do exército rebelde de Che Guevara em Havana. Como resultado, todas as atividades foram pausadas nos projetos industriais mais importantes, incluindo a planta metalúrgica Jose Martí, a planta de níquel Las Camariocas e a Havana TPP, nos quais enormes gastos foram feitos. Só para construir a usina nuclear de Jaragua, a União Soviética gastou cerca de 1,2 bilhão de dólares.²¹

A última grande “rendição” russa em Cuba ocorreu em 2003, quando o centro de vigilância rádio-eletrônico em Londres, que permitia aos especialistas russos interceptarem chamadas de telefone e emails em todo o Estado Unidos, foram desligados. De fato, poderia se dizer que a Rússia rejeitou Cuba e deixou-os sem apoio. Mas os cubanos, apesar das expectativas daqueles que se opunham ao regime de Fidel Castro, sobreviveram sem desistir dos princípios ideológicos e de sua persistência na construção do socialismo.

A nova situação geopolítica mundial e as mudanças políticas da América Latina levaram Moscou a procurar meios de restaurar as relações Rússia-Cuba. A primeira tentativa de reviver a cooperação foi feita em setembro de 2006 durante a visita do então primeiro-ministro russo Mikhail Fradkov, que resolveu o problema da dívida cubana com a Rússia, uma soma de 166 milhões de dólares, além de fixar

²⁰ “The Financial Times”, London, 17.08.2011

²¹ “Latin America in Current World Politics”, M., 2009. c. 524.

crédito para a compra de equipamentos russos e peças de reposição na soma de 355 milhões de dólares.²²

A visita presidencial de Medvedev a Havana em novembro de 2008 marcou o início de um novo estágio nas relações bilaterais entre os países. Recordando que em tempos de União Soviética as relações com Cuba eram “bastante poderosas”, Medvedev disse: “Agora é hora de restaurá-las”.²³

Em 2009 o então Presidente do Conselho de Estado e do Conselho de Ministros de Cuba Raúl Castro veio à Moscou. Durante a visita, um memorando sobre os princípios de cooperação foi assinado, estruturando a base para a revitalização da cooperação bilateral. Os acordos incluíram ações conjuntas para criar uma ordem mundial justa e policêntrica, além da implementação de um número de projetos importantes, principalmente na área de energia, transporte, aviação civil, biofarmácia e alta tecnologia.

Parece que a longa pausa das relações Rússia-Cuba chegou ao fim. Mas também é óbvio que o novo nível de cooperação exigirá esforços constantes de ambos os lados. Além do mais, nossas companhias terão que retomar o que antes foi descuidosamente abandonado pela Rússia sem se incomodar em contar as perdas. O petróleo explorado por especialistas soviéticos na plataforma, na qual recursos consideráveis foram investidos, agora é produzido por canadenses, franceses e malaios. Como resultado, a GazpromNeft, por exemplo, não teve outra opção a não ser assinar um acordo com a companhia malaia Petronas, segundo o qual receberá 30 por cento da exploração e da produção conjunta offshore no setor cubano do Golfo do México. As reservas comprovadas de petróleo nessa área são pequenas: 260 milhões de toneladas. No entanto, o total das reservas é muito maior: a Cubapetroleo estima que superem os 2,7 bilhões de toneladas; segundo a U.S. Geological Survey, há 1,2 bilhão de toneladas de petróleo e 21 trilhões de metros cúbicos de gás.²⁴

Uma situação inusitada foi construída nas relações entre Rússia e Equador: uma rota direta de containers ligando Guayaquil e São Petesburgo foi aberta. Existem projetos de investimentos em curso na agricultura e na indústria alimentícia. Os produtores de banana do Equador têm a oportunidade de desenvolver a produção usando investimentos provindos da Rússia. Investimentos também são feitos para desenvolver as áreas de processamento e de embalagem.

²² “Vremya Novostei”, M., 29.09.2006.

²³ “Russian Newspaper”, M., 27.11.2008.

²⁴ “Expert”, M., 2010, № 46.

Também deve ser destacado que nos países latino-americanos os estudantes mantiveram o interesse em estudar na Rússia, apesar de não repetir a escala típica da era soviética. Atualmente, somente centenas de estudantes estão interessados em vir e estudar diferentes especialidades na Rússia. Existem certas dificuldades associadas à cobertura dos gastos da viagem e à garantia de uma bolsa escolar decente. No entanto, esses complexos problemas podem ser resolvidos. Os formandos de universidades russas criaram suas próprias associações em vários países da América Latina, construindo uma considerável contribuição para o desenvolvimento da cooperação bilateral e identificando abordagens para novas áreas.

A nova política russa na América Latina estimulou certa polarização de opiniões e comentários na região e além dela. Muitos observadores ocidentais acreditam que a revitalização da política de Moscou na região é um curso geopolítico que visa recuperar o estatuto de grande potência direcionado contra os Estados Unidos, enquanto a venda de armas para Venezuela está contribuindo para uma escalada da corrida armamentista na região. Para outros, a atividade russa na América Latina é somente uma resposta equilibrada para a expansão do Ocidente à Comunidade dos Estados Independentes (CIS).

De fato, a promoção da cooperação com a América Latina pela Rússia é guiada por considerações geopolíticas. Meu país, no entanto, não é o único quando se olha para formas de expandir presença no mundo utilizando rápido crescimento e oportunidades econômicas. Isso também se aplica à cooperação militar não somente com a Venezuela, mas também com Argentina, Bolívia, Brasil, Peru e Chile, cujos acordos foram assinados durante o período 2004-2009. Como grande produtor e exportador de armamentos, a Rússia, naturalmente, está procurando por novos mercados para os seus produtos, incluindo aqueles na América Latina. Todas as alegações de que isso está contribuindo para uma corrida armamentista não se sustentam. Aqui vai um fato eloquente: o líder regional em gastos militares é a Colômbia (4% do PIB), enquanto a Venezuela gasta não mais que 1.3% do seu PIB.²⁵ No entanto, os armamentos da Colômbia não vêm da Rússia, mas dos Estados Unidos e da França, ambos, aliás, estão se tornando líderes em exportações para o mercado latino-americano nesse setor. Até o momento, a Rússia só conseguiu chegar ao terceiro lugar.

²⁵ Nueva Sociedad”, Buenos Aires, 2010, N 226, p. 9.

Contudo, o raciocínio político russo pode ser totalmente diferente. Países latino-americanos têm aumentado constantemente seu potencial econômico, e seu papel nos assuntos mundiais são aperfeiçoados continuamente. Os exemplos não estão longe: México e Chile juntaram-se à Organização para a Cooperação Econômica e Desenvolvimento (OECD), um grupo da maioria das nações desenvolvidas, enquanto a Argentina, o Brasil e o México fazem parte do G-20. De fato nós estamos testemunhando a emergência de outro centro no mundo multipolar, algo impossível de ignorar. Além do mais, a Rússia e os países da América Latina clamam por um maior papel na economia global e na regulação financeira. Somente esforços conjuntos e interações construtivas com outros estados ascendentes ajudarão a atingir esses objetivos. Descrevendo a importância geopolítica da América Latina, o presidente Medvedev disse: “Nós estamos apenas no começo de uma relação forte, de grande escala e de mútuo benefício com os parceiros da América Latina. Não há motivo para sermos escrupulosos e medrosos acerca da competição. Nós devemos entrar logo na briga”.²⁶ Por “briga” ele obviamente quis dizer competição – os Estados Unidos estão tradicionalmente presentes na região, assim como a Europa Ocidental, e recentemente a China. A emergência da Rússia na América Latina é somente uma nova realidade geopolítica que evidencia seus interesses globais.

*Recebido em 14 de março de 2012.
Aprovado em 21 de março de 2012.*

*Artigo traduzido por Gabriela Perin e revisado por Raul Cavedon Nunes

²⁶ “Independent Newspaper”, M., 1.12.2008.

RESUMO

O artigo descreve as atuais relações da Rússia com os principais países latino-americanos: Brasil, Argentina, Venezuela e Cuba no âmbito comercial, econômico e militar. O autor chama atenção para as verdadeiras intenções da política russa de aproximação com o continente: seriam as parcerias geopolíticas aliadas na recuperação do status russo de potência direcionada contra os Estados Unidos ou simplesmente uma jogada inteligente frente à emergência de novas potências no mundo multipolar?

PALAVRAS-CHAVE

Rússia. América Latina; Parcerias estratégicas; Mundo multipolar.